



5640 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
 GT06 - Educação Popular

PERDI A CÁTEDRA E GANHEI A VIDA!

Kelma Fabiola Beltrao de Souza - PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE
 Agência e/ou Instituição Financiadora: NÃO

Perdi a cátedra e ganhei a vida!

Resumo: Perdi a cátedra e ganhei a vida! Era com essa frase que Paulo Freire se referia ao concurso que perdeu para professora Maria do Carmo Tavares de Miranda na disputa pela Cátedra de História e Filosofia da Educação, em 1960, na Universidade do Recife (UR), atual Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Que Paulo Freire ganhou a vida todos sabemos, mas como ele perdeu a cátedra é um assunto pouco estudado na história da Educação Popular, e é justamente sobre este acontecimento que nos propomos a responder neste artigo. Para isso utilizamos especialmente as teses de concursos dos próprios candidatos: Educação e Atualidade Brasileira, defendida por Freire e Pedagogia do Tempo e da História, defendida por Maria do Carmo. Concluímos que a tensão entre àqueles que defendiam uma escola confessional e àqueles que defendiam uma escola laica (e o destino das verbas públicas), reverbera no resultado deste concurso.

Palavras-chaves: História. Cátedra. Laica. Pública. Confessional.

Introdução

O concurso para professor da cátedra História e Filosofia da Educação para o curso de Professorado de Desenho (atendendo também ao Curso de Pedagogia) disputado em 1959/1960 na Universidade do Recife (UR), atual Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pelo professor Paulo Freire ainda é um acontecimento pouquíssimo discutido na história da Educação Popular. É provável que um dos motivos para poucos estudos seja porque Freire, apesar de aprovado, não conquistou o primeiro lugar, saindo derrotado na disputa pela cátedra. Pensamos que, por mais que seja comum não passar num concurso, não deve ter sido fácil para Paulo Freire conviver com essa situação. Especialmente se observamos a repercussão nos jornais da época. Por exemplo, no sábado o Diário de Pernambuco (24/09/1960, p. 5) anunciou: *Nova Docente da Escola de Belas Artes*. No domingo, numa matéria de mais ou menos meia página, o Diário de Pernambuco (25/09/1960, p. 11) se reportou a aprovação da professora: *Contribuição do Povo Hebreu para uma teoria da Formação Humana*. Nessa matéria foram expostos os detalhes do concurso. Logo depois Aníbal Fernandes publicou, também no Diário de Pernambuco (27/09/1960, p. 4), um importante artigo falando sobre a: *Renovação dos Quadros na Universidade*, ressaltando o ingresso de Maria do Carmo na universidade. Na posse da professora Maria do Carmo Tavares de Miranda na Escola de Belas Artes, ela foi anunciada como “primeira professora por concurso em Escola Superior de Pernambuco” (POSSE NA ESCOLA DE BELAS ARTES. DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 31/05/1961, p. 6)[1].

Dessa forma o momento não deve ter sido simples para Freire, pela derrota, mas também pela repercussão do primeiro lugar da professora. Não identificamos como mero acaso quando Freire, anos depois do concurso, ao ser questionado sobre o resultado, mencionou: Perdi a cátedra e ganhei a vida! (apud VERAS, MENDONÇA, 2004/2005, p. 15). Por outro lado, consideramos este momento importante para Freire/ intelectual (e para Educação Popular), pois ele pode assentar suas ideias escrevendo sobre elas, mostrando anos depois, quando se tornou conhecido e renomado pelo mundo, que de fato ganhou a vida.

Mas voltando para o concurso, como já dissemos, esse episódio é pouco discutido na história. Num dos estudos que tenta construir uma narrativa sobre este fato, o autor Dimas Veras (2010, p. 108, 109) considerou que o concurso (e a derrota de Paulo Freire) se deveu muito menos a uma disputa entre pedagogias diferentes (tanto que reconhece que “o conteúdo talvez seja o menos importante”), e muito mais a disputa de “um filho dos subúrbios recifense que brigava pelo emblema e espaço de distinção da ‘aristocracia’ intelectual que era a cátedra”. Essa interpretação, de enfoque bourdieusiano, identifica o poder muito associado às expectativas “da luta simbólica entre as classes”[2], tanto que Veras (2009, p. 109) não discute outras configurações de poder quando acena para a possibilidade do Reitor João Alfredo[3] propor a criação de outra vaga para contemplar Paulo Freire (o segundo colocado), ou quando indica que Paulo Freire, depois da derrota, se tornou assessor do reitor João Alfredo, ou até mesmo quando falou que o próprio reitor criou o Serviço de Extensão Cultural (SEC) para cuidar das demandas em torno do método do Professor Paulo Freire, inclusive colocando o próprio Freire para dirigir este setor de extensão na Universidade do Recife. Parecem-nos que a questão do poder para o pesquisador se traduz apenas em aspectos mais elementares da luta de classes, com importante atenção as condições econômicas que polarizam essas relações e interesses.

Sendo assim nossa proposta neste artigo é analisar este concurso a partir de outras configurações de poder. Pois

entendermos o poder como aquilo que se quer, que se deseja, que se constrói através de relações, que exclui e inclui, que está relacionado ao saber e que não se explica só através dos aspectos econômicos e de classe. Concordamos com Foucault (2007, p. 8) quando diz que: “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma ao saber, produz discurso”. Roberto Machado (In.: FOUCAULT, 2007, p. XIV, XV) traduz a concepção de poder Foucault como: “luta, afrontamento, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar, que se ocupa, nem um objeto que possui. Ele se exerce, se disputa. E não é uma relação unívoca, unilateral; nessa disputa ou se ganha ou se perde.”

Dessa forma, justificamos que trazer outras orientações sobre este acontecimento pode oferecer formas diferentes de compreender a disputa da cátedra nesses anos. Para isso consideramos importante investigar alguns periódicos da época, alguns números do Diário de Pernambuco, mas principalmente as teses de concurso dos candidatos: Educação e Atualidade Brasileira defendida pelo professor Paulo Freire (2003) e Pedagogia do Tempo e da História, defendida pela professora Maria do Carmo Tavares de Miranda (1965).

1. Escola Confessional X Escola Laica

No final da década de 1950, a Universidade do Recife (UR) ainda estava concretizando-se enquanto instituição unificada, pois quando foi fundada, em 1946, agregou apenas as Faculdades de Direito, Filosofia, Belas Artes e Engenharia. Em 1959 foi empossado o reitor João Alfredo da Costa Lima (SUCUPIRA, 1969). Ao observarmos um dos periódicos que circulavam nessa época na Universidade do Recife, identificamos que professores, mosenhores, padres, reverendos, instrutores, diretores e alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Pernambuco, alguns vinculados a “Seção de Pedagogia”[4], elaboravam ensaios e poesias, proferiam discursos, faziam pesquisas e publicavam na revista oficial do departamento de cultura do diretório acadêmico: Doga. De certa forma, essas publicações refletem debates existentes no interior da universidade.

Por exemplo, o estudo da professora Maria do Socorro J. Emerenciano enfatizou uma aula, no qual o educando deve ser participante, dinâmico e que pode fazer uso de sua capacidade crítica. (EMERENCIANO, DOXA, jul/1957, p. 36, 37). Já o ensaio de Frederico Rocha trouxe descobertas científicas que podiam tornar a Pedagogia mais eficiente: Dewey (“autoridade incontestada da Pedagogia”) quando disse que “cultura emprestada não é cultura”; e Gilberto Freyre quando retratou fielmente a “sociedade nordestina”. Nesse contexto evidenciou também a preocupação de que “a realidade pedagógica nordestina” está desvinculada das necessidades da região. (ROCHA, DOXA, jul/1957, p. 87-90)

O diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências, eleito em 1956, prof^o mosenhor Francisco Salles, no seu discurso de posse, citou salmos, usou Cartas e Encíclicas e falou da postura “dos santos padres” diante da “falsa filosofia”. (SALLES, DOXA, dez/1956, p. 3-9). O estudante Antônio Sales da Silva, no discurso de colação de grau, também citou salmos, reportou-se aos ensinamentos de Salomão e Davi. Ele também explicou que, através dos tempos, a educação tem ligação com a religião. E observou: “rejeitemos, por considerarmos sedícios e perigosos os princípios da chamada “Pedagogia nova” ou “Pedagogia negativa”. (SILVA, DOXA, set/1958, p. 71-81).

Aridete da Mota Silveira, em seu estudo, mostrou as várias intenções do mestre através da história. Um dos aspectos ressaltados no estudo foi que o Cristianismo tem um “caráter essencialmente educativo”, mesmo sem ter “um sistema pedagógico”, pois Jesus Cristo, “Mestre dos Mestres”, fez um “educação sem escolas”. Mas o mestre, o professor no mundo contemporâneo, seria também o amigo e orientador; o aluno assumiria o papel fundamental no processo de aprendizagem, como orienta a escola nova. (SILVEIRA, DOXA, dez/1958, p. 9-23).

O texto sobre A escola confessional em Pernambuco foi uma palestra oferecida por Paulo Rosas no Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Pernambuco, mas foi publicada também na Revista de Doga. Rosas (DOXA dez/1958, p. 67) pontuou sobre a necessidade de uma educação confessional, mas também de uma educação que deve se adaptar à região, que deve ser regional. O professor (ROSAS, DOXA, dez/1958, p. 67) fez algumas considerações para discorrer sobre a temática das escolas confessionais: 1- Se autores reclamam de padres e ex-seminaristas que não têm resultados satisfatórios na função do magistério, Rosas trouxe exemplos como o professor Panqueca, presbiteriano e depois batista, citado por Câmara Cascudo. 2- Rosas utilizou recursos da pesquisa científica (inquéritos aplicados, quadros com os resultados obtidos, citações dos inqueridos, comentários). 3- Ressaltou experiências ‘exemplares’ que podem ser aproveitadas (reunião de pais e mestres adotados pelo prof^o Paulo Freire e jornais murais organizados pela Juventude Escolar Católica (JEC)). 4- Sobre a existência de uma “filosofia educacional” ou “orientação pedagógica” nas escolas confessionais, segundo o pesquisador não existe uma resposta “uniforme”. Sua sugestão foi que seria um ponto inicial adotar a própria filosofia da religião. Sua tentativa foi mostrar a importância da instituição religiosa na educação.

Entre outras informações o professor concluiu que: “educar é formar, integralmente, a personalidade”; Entre todos os aspectos da personalidade “a ser formada existe o religioso; valor, hierarquicamente, superior”; “Toda escola primária ou média deve ser confessional, sendo aconselhável o sejam as superiores”; Não concorda com a “posição filosófica materialista” que oferece aos alunos uma “formação anti-religiosa”, mas simpatiza com sua atitude de explicitar o que defende. (ROSAS, DOXA, dez/1958, p. 61-73).

Através destes exemplos podemos identificar que os textos publicados na Doga versavam sobre: bases científicas da educação, experiências da escola nova, ensino confessional, educação adaptável a região, assuntos que em certo sentido demonstram as tensões existentes entre àqueles que defendem uma escola laica, pública e científica e àqueles que defendem uma escola particular (em sua maioria confessional).

Mas se observamos essa tensão existente na Universidade do Recife durante esses anos que cercam o concurso, essa realidade seria só um recorte do que acontecia em âmbitos nacionais. É importante lembrar que desde que os Pioneiros da Escola Nova, em Manifesto, defenderam a escola pública, laica e gratuita havia certa tensão em torno dessa disputa.

Na verdade o próprio manifesto foi resultado do embate travado na IV Conferência Nacional de Educação, promovida pela Associação Brasileira de Educação (ABE), na época dirigida por Anísio Teixeira, entre aqueles que defendiam o ensino confessional e os que defendiam o ensino laico. Na abertura dessa conferência, o chefe do governo provisório, Getúlio Vargas, solicitou que os educadores que ali estavam deliberassem os alicerces de uma política educacional para o país. Mas sem conseguirem chegar a um acordo pela disputa dos interesses em questão, três meses após a conferência, 26 autopromovidos pioneiros da educação nova publicam o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (2010) rascunhado por Fernando Azevedo em São Paulo, e redigido de forma final no Rio de Janeiro, assinado pelos signatários: Afrânio Peixoto, Anísio Spínola Teixeira, M. Bergstrom Lourenço Filho, Roquette-Pinto, entre outros. (CUNHA In.: TEIXEIRA, 2007b).

Mas foi em 1956^[5] quando Anísio Teixeira, um dos pioneiros, falou sobre a importância da escola pública, universal e gratuita (I Congresso Estadual de Educação Primária), que a Igreja Católica o identificou com uma pessoa a ser condenada.^[6] A partir de 1957, com a discussão no Congresso Nacional (projeto de lei 2.222 B/57) sobre as diretrizes e as bases que deveriam orientar a Educação no Brasil, esta tensão se acentuou mais ainda. (TEIXEIRA, 2007a; BRASIL, 1957; BRASIL, 1961).

Em 1958 Anísio Teixeira, concomitantemente, dirigia o INEP e a CAPES e também era responsável pelos Centros de Pesquisas Educacionais pelo Brasil (instituições submetidas ao Ministério de Educação). A disputa entre a educação pública e particular, significativamente religiosa, se faz presente. O *Memorial dos Bispos Gaúchos*, por exemplo, documento entregue ao presidente da República, pediu o afastamento de Anísio Teixeira do Ministério da Educação. Escrito por Dom Vicente Scherer (teve apoio de outros bispos e foi entregue por Dom Helder Câmara ao presidente) o memorial associa Anísio Teixeira a John Dewey e ao materialismo socialista, diz que “a filosofiada” educação, adotada por Anísio não é compatível aos preceitos de uma vida cristã e que a filosofia de Dewey é contrária as “verdades imutáveis que a religião cristã admite e demonstra como vindas de Deus”. (SCHERER, CORREIO DO POVO, 1958 IN: BVANISIOTEIXEIRA).

Para defender as acusações feitas a Anísio Teixeira e a escola pública, em janeiro de 1959, Fernando de Azevedo escreveu O *Manifesto dos Educadores*^[7], mais uma vez convocados. O manifesto, publicado em vários órgãos da imprensa, em 1º de julho, foi assinado por 161 signatários, emitiu opiniões sobre a “escola pública em acusação”:

A luta que se abriu, em nosso país, entre os partidários da escola pública e os da escola particular, é, no fundo, a mesma que se travou e recruscece ora nesse, ora naquele país, entre a escola religiosa (ou o ensino confessional), de um lado, e a escola leiga (ou o ensino leigo), de outro lado. Esse, o aspecto religioso que temos o intuito de apenas apontar como um fato histórico que está nas origens da questão [...] Ela disfarça-se com frequência, quando não se apresenta abertamente, sob o aspecto de conflito entre a escola livre (digamos, francamente, a educação confessional) e a escola pública ou, para sermos mais claros, o ensino leigo [...] (MANIFESTO DOS EDUCADORES..., 2010, p.78,79)

Voltando a Universidade do Recife, na Escola de Belas Artes, na área de educação, a disputa pela Cátedra de História e Filosofia da Educação para o Curso de Professorado de Desenho (atendendo também ao Curso de Pedagogia), de certa forma, evidenciam os debates travados nacionalmente e localmente sobre uma educação laica ou confessional.

Em 1959 Paulo Freire ministrava aulas na Universidade do Recife, era professor interino (hoje nomeado professor substituto) do curso de Desenho, lecionando a disciplina História e Filosofia da Educação. Além de atuar como professor, ele fazia parte da comissão de redação da Revista da Escola de Belas Artes e ministrava Curso de Extensão Universitária, como por exemplo: Problemas de Educação. Mas em meados deste ano Freire se candidatou à Cátedra de História e Filosofia da Educação para o curso de Professorado de desenho. Inscreveram-se ele e Professora Maria do Carmo de Miranda^[8], quando entregaram suas ‘teses de concurso’. (REVISTA DA ESCOLA DE BELAS ARTES, 1959).

As provas do concurso (com as defesas das teses) ocorreram apenas 1960, nos dias 21, 22 e 23 de setembro. Participaram da banca examinadora: Vicente Murilo La Greca e Cassimiro Correa da Escola de Belas Artes; Raul Bittencourt da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; José Denizard M. de Alcântara da Faculdade de Filosofia da Universidade do Ceará; Maria Luiza de Almeida Cunha Ferreira da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais (VIDA ESCOLAR, DIARIO DE PERNAMBUCO, 22/09/1960, p. 3).

2. A vez da Pedagogia do Tempo e da História

A professora Maria do Carmo de Miranda em sua tese do concurso para Cátedra de História e Filosofia da Educação, publicado em 1965, logo informou na apresentação: “Saliento que as referências bíblicas são tomadas de acordo com a divisão e numeração dos livros da Bíblia Hebraica”. Neste momento o texto é prefaciado por Frei Romeu Peréa, da Ordem Carmelita, assinando 6/08/61, “Dia da Transfiguração do Senhor”^[9].

O objetivo da “tese” da autora (MIRANDA, 1965, p. 21) foi “inquirir a contribuição do povo hebreu para nós. Contribuição de Israel que revelou a história do mundo.” Ela continuou afirmando sobre seu estudo: “Nosso estudo se limitará, portanto, a indagar de sua formação, de sua educação, procurando elucidar alguns de seus traços mais salientes. Impossível, mesmo que pudéssemos abrangê-los em sua totalidade, tal a riqueza e a densidade de suas experiências.”

Já o professor Paulo Freire na introdução de sua tese de concurso disse (FREIRE, 2003, p.9):

Ao escolhermos o tema de nosso trabalho, não tivemos a pretensão de esgotá-lo. Por outro lado, a ele não nos inclinamos ingenuamente, julgando-o fácil de ser estudado. Sabíamos-lo, pelo contrário, não só complexo, mas

até certo ponto, perigoso, precisamente pela atualidade. Pelas divergências conceituais que suscita. Pelas posições opostas decorrentes dessas próprias divergências conceituais.

O próprio professor anunciava o “perigo”, bem como os motivos desse perigo, em especial “pela atualidade”. A tentativa de conciliar algumas opções tão “opostas” foi uma estratégia para demonstrar as possibilidades de diferentes “teorias” que podem servir a um ‘bem maior’: a educação. A estratégia quer indicar também o alcance do seu ‘saber’, seu domínio de conhecimento e habilidade em unir percepções tão diferentes.

O candidato prosseguiu explicitando que não é “dono” do trabalho, as dimensões que traz refletem o que está sendo debatido por “pensadores brasileiros”:

A ele também não fomos ou a ele chegamos, com ares de “donos”. É aspecto que vem sendo debatido ora direta, ora indiretamente, em algumas de suas dimensões, por sociólogos, educadores, economistas e pensadores brasileiros, em estudos, muitos dos quais, objetivos e lúcidos. (FREIRE, 2003, p.9)

Foram esses “pensadores” que Paulo Freire citou, dialogou e discutiu. Foi para eles e aqueles interessados nas suas maneiras de ver a educação que o professor se dirigiu ao escrever sobre a “Educação e Atualidade Brasileira”, seus pares. Pares que, inclusive, estavam em disputa com instituições religiosas, pois almejavam um ensino laico, desvinculado das instituições religiosas.

Enquanto isso, Maria do Carmo citou, dialogou, discutiu com a Bíblia Hebraica. Foi a Deus, a Cristo e “à educação do seu povo” que ela se referiu. Foi para os seguidores de uma educação cristã que a professora escreveu: padres, monsenhores, frei, bispos, professores e alunos que defendiam uma educação baseada nos princípios cristãos. Eles eram contrários a uma provável perda de poder da Igreja Católica, causada pela efetivação de ensino laico, bem como o destino das verbas públicas apenas para escolas públicas.

A professora demonstrou suas inclinações diante da opção de uma “educação religiosa”. Conciliou os ensinamentos bíblicos com os pedagógicos e indicou que Deus, seus profetas e discípulos, conseguiram, mesmo sem possuir um “ensino organizado”, criar uma Pedagogia diante do Tempo e da História.

Usando “exemplos” ou “tipos” retirados dos livros e evangelhos da Bíblia, ela agradou seus avaliadores. Por exemplo, Maria do Carmo demonstrou que através de Abraão se experimenta a pedagogia. Sua obediência, sua preocupação com o outro, seu exemplo em seguir a palavra de Deus e fazer com que os outros sigam esta palavra, demonstraram uma “pedagogia da fé e da obediência”. Moisés, por sua vez, teve uma função de “pedagogo”, de “educador”, pois quando conduziu o povo de Israel para libertação do Egito, ensinou no deserto, através da palavra, quem era Deus. Este foi o tema da “peregrinação”. Já no tema da “conversão” do povo de Israel, os princípios (justiça, verdade, amor, espera) fundamentais para que houvesse a conversão deste povo também são necessários para que estejamos convertidos enquanto alunos (MIRANDA, 1965, p. 54-55).

O tempo em que se baseou a candidata foi linear, progressivo e indicado por Deus. Uma história que iniciou com o Gênesis, numa “linhagem abraâmica”, e terminou com atenção ao futuro, pois as profecias anunciam algo que há de vir. A professora fez uso de palavras e expressões, especialmente em latim e hebraico, que indicam sua erudição e seu domínio sobre as línguas recorrentes nos documentos bíblicos.

Enquanto isso, o outro candidato, o professor Paulo Freire (2003), trouxe para a banca os estudos de Anísio Teixeira e Fernando Azevedo. Referiu-se, também, a outros signatários do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova. Fez elogios ao educador Anísio Teixeira, a quem chamou de mestre, ressaltando as ideias de uma renovação política na educação, processo que deveria ser estável para atender às necessidades da região e da localidade. Ele citou o livro de Anísio Teixeira (*Educação não é Privilégio*) para enfatizar que “a escola da formação do brasileiro não pode ser uma escola imposta pelo centro, mas o produto das condições locais e regionais” (FREIRE, 2003, p. 13). Ainda comentou, após a citação, sobre as necessidades de uma educação voltada para as condições locais e regionais, como solução para um dos grandes problemas da educação, pois isso tornaria o ensino adequado à sua época e ao seu lugar.

O regionalismo foi utilizado para falar das condições do Nordeste. Reproduzindo as críticas de Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos*, Paulo Freire retratou a falta de experiência democrática no Recife, em especial pelo processo de “europeização” e “reuropeização” que atingiu a cultura brasileira (FREIRE, 2003).

O candidato trouxe também algumas passagens sobre o catolicismo na sua tese, mas foi inexpressivo diante dos vínculos religião e pedagogia, apresentados por Maria do Carmo Tavares de Miranda que ganhou o concurso. Essa vitória demonstrou, de certa maneira, quais eram as prioridades entre os examinadores do concurso na Universidade do Recife em relação à educação confessional e a educação laica, bem como o destino das verbas públicas.

É importante lembrar que esse foi apenas um dos aspectos que, a nosso ver, fizeram com que a professora Maria do Carmo Tavares de Miranda ganhasse o concurso. De todo modo Maria do Carmo, filha de professor da educação básica, era uma jovem com 34 anos, muito culta e competente. Tanto que, à época, já era formada em Letras Clássicas e Filosofia pela Universidade do Recife, tendo feito cursos de Especialização em Filosofia na Sorbonne, no Instituto Católico de Paris e na Faculdade de Filosofia da Universidade de Friburgo, na Alemanha (na qual foi assistente de Martin Heidegger). Ela também era autora de artigos e ensaios para congressos e revistas científicas nacionais e estrangeiras. E tinha experiência como docente na área de filosofia, tanto na Faculdade de Filosofia do Recife (atual Faculdade Frassinete do Recife-FAFIRE), quanto na Faculdade de Filosofia de Pernambuco.

Considerações finais

Como vimos, desde 1957, com as discussões em torno do projeto de lei que, em 1961, viria ser efetivado como a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, havia uma tensão importante entre àqueles que defendiam a escola laica e pública e os que defendiam a escola particular (em sua maioria confessional). Na Universidade do Recife nesses anos não foi diferente: alunos, professores e diretores, muitos deles pertencentes às instituições religiosas (padres, reverendos, freis), em seus ensaios e discursos se posicionavam: uns em defesa da escola pública e laica e outros em defesa da escola confessional. As “teses” de concurso defendidas por Paulo Freire e Maria do Carmo T. de Miranda, dentre outras coisas, também mostram essa tensão.

Freire falou da realidade brasileira, através de suas experiências e estudos (da história, sociologia, da filosofia), trouxe Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira (defensores da educação pública e laica). Voltou-se de fato para os problemas atuais da educação brasileira. Já Maria do Carmo se volta para a realidade da história da bíblia, colocando aos conhecimentos pedagógicos (racionalis, científicos) em certo sentido a serviço da fé. Ela explicou que Deus, a partir dos profetas e discípulos, conseguiu, mesmo sem possuir um ensino organizado, fazer uma Pedagogia através do tempo e da história. Resultado: Freire perdeu a Cátedra!

Mas é importante dizer que foi justamente nessa primeira escrita completa elaborada por Paulo Freire (Educação e Atualidade Brasileira) que identificamos seu engajamento pelas causas educacionais importantes para constituição de suas ideias e da Educação Popular. Ele se apresenta enquanto intelectual para vir a público ‘cobrar’ e oferecer soluções para os problemas educacionais no país. Mais: Freire teve a oportunidade de assentar suas ideias. E de várias formas todos esses aspectos serão consolidados nos anos que se seguem, demonstrando que Freire realmente ganhou a vida.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Pe. Joaquim. Discurso de Colação de Grau. In.: **Doxa**. Diretorio Acadêmico da Faculdade de Filosofia/Universidade do Recife: Recife, v.10, n.10, jan. 1962.

BRASIL. Lei nº 4.024 (1961). Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. 20 dez 1961.

BRASIL. Projeto n.º 2.222 B/57. Projeto que fixa as diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <www.camara.gov.br>. Acesso em: jun. 2011.

BOURDIER, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BIBLIOTECA VIRTUAL ANÍSIO TEIXEIRA Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/midia.htm>>. Acesso em: mar 2011.

CORREIO DO POVO. Nova manifestação de D. Vicente Scherer. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 18 maio 1958; IN.: BIBLIOTECA Virtual Anísio Teixeira Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/midia.htm>>. Acesso em: mar 2011.

CONTRIBUIÇÃO DO POVO HEBREU PARA UMA TEORIA DA FORMAÇÃO HUMANA. **Diário de Pernambuco**. 25/09/1960. Primeiro caderno. p. 11. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> 2018. Acesso em: julho 2018

CUNHA, Luiz Antônio. Apresentação. IN.: TEIXEIRA, Anísio. **Educação para Democracia**. Introdução à Administração Educacional. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007b.

EMERENCIANO, Maria do Socorro Jordão. Considerações sbre a disciplina escolar. In.: **Doxa**. Diretorio Acadêmico da Faculdade de Filosofia/Universidade do Recife: Recife,v.2, n.4, jul. 1957.

FERNANDES, Aníbal. RENOVAÇÃO DOS QUADROS NA UNIVERSIDADE. **Diário de Pernambuco**. 27/09/1960, primeiro caderno, p. 4.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Grall, 2007. (Verdade e Poder).

FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira**. 3. ed. São Paulo : Cortez, 2003.

MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA. 1932. 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4707.pdf>>. Acesso em mar. 2011.

MANIFESTO DOS EDUCADORES. 1959. 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4707.pdf>>. Acesso em mar. 2011.

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. **Pedagogia do tempo e da história**. Universidade Federal de Pernambuco, Recife: Imprensa Universitaria, 1965.

NOVA DOCENTE DA ESCOLA DE BELAS ARTES. **Diário de Pernambuco**. 24/09/1960, primeiro cadeno, p. 5. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> 2018. Acesso em: julho 2018.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**. Entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

POSSE NA ESCOLA DE BELAS ARTES. **Diário de Pernambuco**. 31/05/1961, primeiro caderno, p. 6. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> 2018. Acesso em: julho 2018.

PEDAGOGIA DO TEMPO E DA HISTÓRIA. **Diário de Pernambuco**. 12/08/1961, primeiro caderno, p. 4. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> 2018. Acesso em: julho 2018

REVISTA DA ESCOLA DE BELAS ARTES. Recife: Universidade do Recife. v.3, n.2, jul. 1959.

ROCHA, Frederico. Uma observação da Pedagogia. In.: **Doxa**. Diretorio Acadêmico da Faculdade de Filosofia/Universidade do Recife: Recife, v.2, n.4,jul. 1957

ROSAS, Paulo. A escola confessional em Pernambuco. In.: **Doxa**. Diretorio Acadêmico da Faculdade de Filosofia/Universidade do Recife: Recife, v.4, n.7, dez. 1958.

SUCUPIRA, Newton. Da Faculdade de Filosofia à Faculdade de Educação.Recife/Universidade Federal do Recife: **Estudos Universitários**, Abr/jun 1969. v. 9. Nº 2.

SALLES, Monsenhor Francisco. Discurso de Ato de posse como diretor da Faculdade de Filosofia de Pernambuco em 10 de setembro de 1956. In.: **Doxa**. Diretorio Acadêmico da Faculdade de Filosofia/Universidade do Recife: Recife, v.2, n.3, dez. 1956.

SILVEIRA, Aridete Mota da Silveira. A missão do mestre através da História. In.: **Doxa**. Diretorio Acadêmico da Faculdade de Filosofia/Universidade do Recife: Recife, v.4, n.7, dez. 1958.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. **Educação não é privilégio**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007a.

_____. Educação para Democracia. **Introdução à Administração Educacional**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007b.

VERAS, Dimas Brasileiro. Sociabilidades letradas no Recife: A Revista Estudos Universitarios (192-1964). 232f. **Dissertação** (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Recife: UFPE, 2010.

VERAS, Dimas Brasileiro; MENDONÇA, Djanyse. Educação Popular e reforma universitária: Paulo Freire e a criação do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (1962-1964). In.: Revista Estudos Universitários. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Dez/2004/2005. V. 24/25.

VIDA ESCOLAR. Concurso para Cátedra de História e Filosofia da Educação. **Diário de Pernambuco**. 22 de setembro de 1960, segundo caderno, p. 3. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> 2018. Acesso em: julho 2018.

[1] Quase um ano depois do concurso, o Frei Romeo Perea da Ordem Carmelita teve o prefácio que escreveu para o livro de Maria do Carmo (a tese de concurso) publicado significativamente no jornal (PEDAGOGIA DO TEMPO E DA HISTÓRIA, DIARIO DE PERNAMBUCO 12/08/1961, p. 4).

[2] Ver mais em BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

[3][3] Sobre as aproximações de Paulo Freire e do Reitor João Alfredo, Rosas (1991, sem paginação) no texto *70 anos de Paulo Freire no Mundo*[3] afirma que mesmo Paulo Freire perdendo o concurso não se afasta da Universidade do Recife, pois contava “com a amizade e o respeito do Reitor João Alfredo”. Ainda diz Rosas neste mesmo texto: “Não lhe reduz o mérito admitir que a instalação do SEC foi facilitada pela amizade que o ligava ao então Reitor, João Alfredo Gonçalves da Costa Lima. O Reitor João Alfredo respeitava a competência de Paulo Freire e envidou esforços para mantê-lo na Universidade. Por sua vez, Paulo Freire avaliava favoravelmente a ação de João Alfredo como Reitor, de acordo com o que então se esperava de um dirigente acadêmico”. O texto data de 09 de novembro de 1991. Ele foi “lido em Reunião Plenária do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco, realizada em 18 de setembro de 1991, em homenagem ao Professor Paulo Freire, pelo transcurso de seu 70º aniversário.

[4] Segundo Newton Sucupira, das diferentes áreas de saber presentes na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras existia a Seção de Pedagogia. Só em 1966 está Faculdade transformou-se em Faculdade de Educação através dos decretos leis nº53(nov/1966) e nº 252 (fev/1967). Ver em SUCUPIRA, Newton. Da Faculdade de Filosofia à Faculdade de Educação.Recife/Universidade Federal do Recife: **Estudos Universitários**, Abr/jun 1969. P.5-30. As discussões trazidas pela Doxa (temas discutidos, funções dos autores, público destinado, estudos citados)evidenciam uma ‘área’ de Pedagogia na Faculdade de Filosofia

[5] Desde 1948, quando o Ministério da Cultura trouxe a proposta para Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (anteprojeto Clemente Mariani) tencionou os ânimos, sendo marcante a liderança da Igreja Católica para àqueles que eram contrários a intervenção do Estado na educação. (ESQUINSANI, 2008)

[6] Existem muitos fatos que tencionaram o momento. O envolvimento da Associação Brasileira da Educação em 1957; A Portaria 1509, do governo (através da COFAP) que estabelecia que os preços cobrados nas mensalidades escolares, em 1957, deveriam permanecer em 1958; o àquele que repassa os recursos financeiros e não para fiscalizar os estabelecimentos de ensino. (ESQUINSANI, 2008)

[7] MANIFESTO DOS EDUCADORES. 1959. 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4707.pdf>>. Acesso em mar. 2011. Este manifesto, segundo

Esquinsani (2008), também foi em resposta ao Substitutivo Lacerda.

[8] Desde 1957 a Escola de Belas Artes publicava na Revista da Escola de Belas Artes: crônicas, conferências, lista dos professores (Catedráticos, interinos, contratados, instrutores etc), noticiários sobre concursos, posses, matrículas, cursos, discursos de colação de grau. Havia também publicação de folhetos, provas dos professores que disputavam as cátedras.

[9] Segundo os ensinamentos bíblicos é o dia que caracteriza o evento em que Jesus Cristo aparece para seus discípulos depois de sua crucificação.